

VILÉM FLUSSER . Continuar o judaísmo?

A pergunta tem sentido apenas quando põe em questão a continuidade do judaísmo daquele quem pergunta. O judaísmo como fenómeno social, religioso, político indopende de perguntas deste tipo. Continuará ou não, qualquer que seja minha resposta. Mas o judaísmo como fenómeno que se dá na consciência de um individuo, este depende da resposta a perguntas do tipo epigrafado. procurarei formulá-la com um pouco mais de cuidado.

Uma das condições impostas sobre mim pelo meu nascimento chama-se "judaísmo". Como toda condição, esta abre determinadas oportunidades de realização, e fecha outras. Por exemplo: a condição de "homem" imposta sobre mim abre a oportunidade de andar sobre dois pés, e fecha a oportunidade de nadar debaixo da água. E como toda condição, esta não é de minha escolha, e foi imposta sem prévia consulta. Por exemplo: ninguém me consultou antes do meu nascimento se quero nascer no século 20 antes ou depois de Cristo. Mas uma contemplação das condições do meu nascimento revela que estas são de dois tipos: condições relativamente modificáveis, e condições relativamente imutáveis. por exemplo: a minha condição de burgues é relativamente mais fácil a ser superada que a minha condição de antropeide. Numa primeira aproximação podemos dizer que as condições relativamente imutáveis são "naturais", e "culturais" as relativamente modificáveis. De qual dos dois tipos é o judaísmo? Se fôr do primeiro tipo, se a minha condição de judeu fôr "natural", a pergunta epigrafada é inteiramente inócua, já que será muito difícil eu querer resolver deixar de ser judeu. Se fôr do segundo tipo, se a minha condição de judeu fôr "cultural", a pergunta passa a ser pertinente.

Sugiro que a condição "judaísmo" participa um pouco de ambos tipos, mas que o aspecto cultural é aquele que interessa muito mais que o outro, já que é ele que determina a abertura e fechamento de oportunidades. Sugiro portanto que neste sentido é possível eu resolver continuar ou não ser judeu, e que portanto a pergunta é pertinente. Mas surge imediatamente um novo problema. Sendo "cultural" a minha condição judaica, é ela resultado de um convênio entre pessoas. Sou judeu, porque algumas pessoas convencionaram chamar-me por esse nome. Sou judeu para elas, e sou judeu para mim apenas como consequência disto. A minha decisão de continuar ou não judeu é pois uma decisão de deixar de ser, (ou não deixar de ser), judeu para os outros. É deste ponto de vista que a pergunta mostra o seu aspecto ético: devo aceitar ou não uma condição que me foi imposta por outros? E não pela "natureza"? Devo assumir-me numa condição imposta pelos outros, ou devo recusar uma imposição alheia?

A resposta a isto dependerá, é óbvio, daquilo que os outros impõem sobre mim ao me chamarem "judeu". Se eu concordar com o conteúdo da imposição, assumirei o cargo. Se não, recusarei o cargo. Mas infelizmente o caso não é tão simples. O cargo foi imposto sobre mim no meu nascimento. Não tinha eu competência para julgar o conteúdo. E agora, que posso julgá-lo, já fui identificado com o cargo, (pelos outros e por mim mesmo). Por isto seria muito mais fácil se eu pudesse concordar com o conteúdo e continuar assumindo o cargo. E

VILÉM FLUSSER

por ser mais fácil, é com efeito o que faz a grande maioria. Mas não é muito honesto. Creio que devo, por honestidade, julgar o cargo que me foi imposto, assumir-me nele, se por coincidência feliz concordar com ele, e recusá-lo, se por infelicidade discordar do seu conteúdo.

Qual é esse conteúdo? São determinados modelos de comportamento, (chamados "valores"), que foram formulados de maneira projetiva há alguns milhares de anos, (na passagem da Idade de Bronze para a Idade de Ferro), e elaborados por uma tradição mais ou menos ininterrupta. Concordo com estes valores? Com alguns concordo, ("não matarás"), de outros discordo, ("não farás imagens"), e outros não têm para mim sentido, ("não deverás ter outros deuses"). Mas ao formular assim este problema, vejo que erro de alvo. Pois esses modelos todos não são de domínio exclusivo dos judeus. Passaram a integrar toda uma maneira de comportar-se chamada "civilização do Ocidente". Deve haver algo mais específico no cargo de ser judeu. Qual é essa especificidade? Desconfio que se trata de algo negativo. A saber: não ser cristão, ser diferente. Ao me chamarem "judeu", os outros me chamam "não cristão, diferente". Devo assumir, pois, essa negatividade?

Não resta dúvida que há um momento heróico num ato que assume uma negatividade. Um momento de desafio, de orgulho, de "machismo". Chamam-me judeu, pois serci judeu. Não quero negar esse aspecto estético da decisão em prol do meu judaísmo. Mas não creio que basta. Se me convênço, (como de fato faço), ser o cargo judeu que me condiciona essencialmente negativo, devo dar-me conta da limitação inteiramente fortuita que me é imposta. Limitação esta que se manifesta, por exemplo, em fornos de incineração nos quais são queimados entes fortuitamente, cretinamente. Devo ter, pois, a honestidade de recusar o cargo. Mas isto é um problema.

É um problema, porque, em muitos pontos, já me identifiquei com o cargo. E é um problema, porque os outros já me consideram judeu. O problema é pois duplo. Tendo decidido a recusar o cargo "judeu", devo convencer-me a mim mesmo e aos outros que posso abandonar o cargo. Não afirmarei que conheço um método infalível que conseguirá convencer-me e convencer os outros que deixei de ser judeu. Devo confessar que a minha vida passará, tomada a decisão contra o meu judaísmo, a conter recaídas. Mas não duvido que o projeto da minha vida será doravante uma tentativa de assumir uma identidade não limitada pela condição judia, (a qual reconhecí como negativa).

Estas considerações não passam de especulações subjetivas. Valcm apenas, (e com reservas), para aqueles que concordam ser o judaísmo uma limitação negativa. Se estas linhas têm algum valôr, é este: procurar colocar o problema do judaísmo dentro de coordenadas existenciais, e limpá-lo das palavras grandiloquentes e da conversa fiada sublime que o encobre geralmente. Em suma: falar do judaísmo sem sentimentalismo.